

A PATRIA

Orgão dos interesses da colônia brasileira no Rio da Prata

Administração: Calle 25 de Maio 471, esq. de Ciudadela

Montevideo -- Sabbado 9 de Outubro de 1886

Diário da manhã—Anno VIII—Num. 2170

A PATRIA

Publicação diária e da manhã. — Sabe pela
typographia do seu nome

DIRETOR: PASSIO A. FARINHA

IMPRESSOR: J. M. L. M.

COLLABORADORES

Quilho Boeneyen,
Dr. J. Ferreira de Araújo,
Dr. Joaquim Nabuco,
José do Patrocínio,
Conselheiro Ruy Barbosa,
Dr. Eneas de Souza,
Dr. Antonio M. dos Reis,
Dr. Luiz de Perceira da Silva,
Manoel Carneiro,
Dr. Augusto Faria de Souza,
Luiz de Andrade,
Americo de Castro,
Eduardo Mendes.

CONDIÇÕES

Assinatura mensal nesta cidade . . . \$ 1.20

PARA FORA . . . \$ 8.00

Semestre . . . \$ 15.00

Anno . . . \$ 30.00

Ata . . . \$ 0.10

Ata . . . \$ 0.20

ASSINATURA PARA O BRASIL . . . \$ 18.00

Semestre (moeda papel reis) . . . \$ 36.00

Anno . . . \$ 72.00

PAGAMENTO ADIANTADO

NOTAS

As assignaturas devem sempre concluir no fim
de Março, Junho, Setembro ou Dezembro, po-
tendo começar em qualquer dia.

A correspondência deve ser integralmente selada,
sem o que não será retirada do correio.

Não se devolvem originaes, ainda que não sejam
publicados.

AGENTES

LOCALIDADES . . . NOME DOS AGENTES

Alcortete . . . Freitas Valle & Jacques,
Antonio Macielina.

Arroyo . . . Francisco Formoso,
Imael Velazquez.

Arizaca . . . Martinez & Marín,
João Pelet.

Avicruz (Cerro Largo) . . . Zeferino Meneses,
José H. Romero.

Bercheli (Cerro Largo) . . . Antonio Molinari.

Caraguatá (Tajuaril) . . . Manoel Jm. Machado,
Manoel Sória.

Candiota (Província do Rio Grande do Sul) . . . Leon Ventura.

Cachibá (Cerro Largo) . . . Antonio Soares,
João José da Silva.

Cerro Largo . . . José Zavalla & Comp.,
Sérgio Azevedo.

Cerro de Pereira (Tajuaril) . . . Segurino Sopena,
José Maria Pado.

Cerro de Pereira (Tajuaril) . . . José Menino (casa de Pintos & Ca.).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . José de Mello.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . João Jacinto Osoiro.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Luiz Mayer.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . José F. Varela & C.,
Cofreiros Junior & Ferreira.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Marciano, Leitão & C.,
Dr. Silva Gama.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Lopo de S. Gama, da
Belaíra, n. 51.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Silveira da Costa Pereira.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . M. Montão Junior,
José Santos Pereira.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . David C. de Barros,
P. Joly & J. Martin.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Paulgour Poissonne-
re.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Alfredo Bystos,
Mariano Comas.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Billaes & Sábion,
Billaes Romero.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Laurindo J. da Silva.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . João do Amaral, n. 86,
do Rosário n. 86.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Ramo E. Silveira.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Manoel Silva.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Guimarães & Etche-
rre.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Antonio Maximo.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . José da Silva Marques.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Jeronymo E. dos Santos.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Leonardo J. P. Gracel.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Pedro Amonte.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Magalhães & Gonçalves.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . S. Fructuoso.

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

Cuchilla de la Palma (Tajuaril) . . . Tapa (Salto).

A PATRIA

MONTevideo, 9 de outubro de 1886

Conselheiro Dantas

Fallar dos homens que em vida gram-
peiam a sua immortalidade, nunca é de-
muniado; repetir as scenas em que o
povo, rei soberano, enche a palpitante
e emblemática das suas aspirações, é col-
lar aploausos e angustiar a sympathia das
massas, sem jamais pecar ou ser consi-
derado inoportunistas.

O homem illustre de quem hoje vamos
dar os principaes caracteristicos já foi
biographado nas columnas desta folha;
mas a marcha dos annos e subsequentes
actos do illustre cidadão, enchem de
modo tal a historia contemporanea bra-
sileira, que não podemos esquivar-nos
de, mais uma vez, gravar nestas pa-
ginas o seu nome immortale e apontar
mais algumas victorias d'eminente par-
lamentar a quem a patria brasileira da-
va os mais grandiosos committimentos
effectuados ultimamente na arena com-
plexa do desenvolvimento nacional.

O conselheiro Manoel Pinto de Souza
Dantas, presidente do conselho do po-
pultimo gabinete liberal, é hoje o estu-
dista de quem o povo brasileiro tudo es-
pera no sentido do seu futuro uma reali-
dade do advento da idea que S. Ex. foi o
unico bastante corajoso para fazer a
transportar-se do campo das lutas popu-
lares no das pugnas parlamentares: a
idea abolicionista.

Desde a ascensão do partido liberal,
em 5 de Janeiro de 1878, os ministerios
foram tendo a existencia de uma só man-
dado; desde o conselheiro Sotomaior até
ao Sr. conselheiro Lafaiete, os poderes
executivo e legislativo viam crescer a
onda da liberdade do escravo no seio
do povo, ouviam, escarnecendo a pala-
vra patriótica dos defensores da santa
causa, sem que uma fagulha luminosa
da idea levantada — os do torpor benefi-
cio em que paravam: os altos poderes
do Estado se quebraram algum dia a
sua muleta, e a cara mandarina tapar a
bocca aos evangelisadores da liberdade.

Luiz Gama, Joaquim Nabuco, Patro-
cinio e João Clapp, por meio da palavra
e da pena, foram os bateladores da gran-
de idea, a qual hoje em dia, é no Brasil
a divisa sagrada dos eleitos de Deus á
entrada da Jerusalém: tudo pela li-
bertação da patria escravizada, por uma
instituição malleica e preciosa.

A propaganda desses benemeritos
acompanhada da acção, incendiou o sul
do logo a alma popular: do norte ao sul
do Brasil as associações surgiram e a mo-
didade das Academias ergueram hymnos
à idea salvadora, a mulher brasileira
fazendo resplandecer o sentimento da
caridade, deram corpo á heroica propa-
ganda, cujo fundamento se baseia nesta
verdade eterna: a escravidão é um
crime.

O abolicionismo, se bem que lutando
com elementos poderosos — a pressão
governamental e a indifferença das clas-
ses abastadas — logrou enraizar-se na
opinião, até aquelle solenne instante
em que o immortal presidente do conse-
lho do gabinete 6 de Junho, levantou o
das praças publicas e com a nobre em-
ergia dos predestinados, alçou o nos
rapto-entusias da Nação, como program-
ma do glorioso ministério.

Essa data assignada em nossa historia
politica a victoria da luz contra a treva,
da innocencia contra a calumnia, da
instrução contra a ignorancia, da ver-
dade contra a mentira e da liberdade
contra a escravidão.

Os interesses de occasião colligados,
por um lado — e a falta de homogenei-
dade politica, do outro — infligiram no
Gabinete brasileiro a derrota parla-
mentar que ennegrecia as folhas dos An-
naes d' Camara — porque significava na
mais e nada menos do que a união dos
liberaes rotulados ás fileiras conserva-
doras, com o fim de hesitar sem oever-
cia escravista.

O conselheiro Manoel Pinto de Souza
Dantas calou, mas calando subiu: O
povo amparou-o com os seus milhoes
de braços para remetter a immortal-
idade que elle usou em vida.

tella que veio muito a proposito, pois
então esse tufão devia ter a interrogar-
a, depois de eu subir... Dava-lhe per-
guntado, sob que titulos ouvia eu fal-
lar nos meus direitos. Respondeu-lhe,
com toda a certeza, porque as coisas
que se occultam a um pai, mas que se
confessam sem vergonha a um filho.

Respondeu-lhe que o actor Paulo
Darnalla tinha sido seu amante; mas que
tenho reflectido e tendo verificado que
isso que julgava amor era apenas um cap-
richo, tinha achado opportuno passar
a espina sobre um passado que se tin-
ha tornado incommodo e por não meio
da rua o amontoar já não lhe agrada-
va e d'altra eusar mesmo o direito de
dar o seu nome ao filho que trazou seio.

O conselheiro esperava, pronunciando
estas palavras, provocar uma explosão
de cólera, em Cecilia.

Assim não aconteceu.

A filha de Jayme Bernier replicou com
o tom mais calmo e com o sangue-frio
mais insulso:

— Eganet me sobre o meu estado l é
verdade. Felizmente os meus verzonha-
sos que me p'rhon ligar ao senhor o
dos que o senhor teria feito uma ca-
da... não existiam... Sou livre, gra-
ças ao céo, absolutamente livre!!! Não
depoendo nem do senhor, nem de nin-
guem!... Disse ao meu tufão o que
entendi que lhe devia dizer; o senhor
não tem commisso... Ah! agora o
senhor fallou em um capricho... A imi-
tismo que me inspirou um capricho de
uma hora... Tanto melhor para o se-

As grandes idéas têm a virtude de
transformar em ascensão gloriosa a qu-
da dos seus avangalhos.

A provincia da Bahia orgulha-se de
ter sido o berço do notavel brasileiro,
cuja existencia á um rastro luminoso de
victorias moraes.

A calumnia é, infelizmente, a arma
predilecta dos que alvagam a existencia
da malleita instituição — que por si é
uma verdadeira calumnia atirada á ra-
putação da presente pelos ambiciosos
vulgares do passado.

A historia não permite o sophisma e
nem condolemas fugidas.

Trabalhamos para o futuro não
possa de nós dizer o mesmo.

Dantas como Parahyba, expirará na
hora da pobreza em que vive, legando á
patria á familia o nome glorioso do
Rememor da infeliz raga barbaramente
desemparrada, porque, como diz Charles
Sumner — a escravidão é barbara mori-
gem, barbara na lei, barbara em todas
as suas pretensões, barbara nos instru-
mentos de que se servia, barbara em suas
consequencias, barbara do espirito e
barbara ainda quer que se mostre.

ECHOS DO BRASIL

Senado

DISCURSO PROFERIDO NA Sessão de 13 de SETE-
MBRO de 1886, pelo SENADOR DR. DIogo VELLOZO

Organização do Ministério da Agricultura
(Continuação)

Lerei o parecer do Sr. Dr. Coutinho
para ser publicado com esta me di-
cenda e ficar archivado nos annos do
senado.

— Pre-longamento da estrada Conde
d'Eu, da capital ao porto do Cabello.

A necessidade do prolongamento da
estrada Conde d'Eu, da capital do porto
do Cabello, na foz do rio Parahyba, foi
recomendada pelos propositores in-
cumbidos do estudo da materia, e pa-
tentase a todos que têm visitado a pro-
vincia nos ultimos tempos.

Até 1859 o Parahyba e seu affluente
Sanhana prestavam-se com facilidade ao
tráfego do navio de 18 pés de cala-
do, na extensão de 18 kilometros proxi-
mamente, de Cabello á capital, que está
assentada na margem direita do San-
hana nas proximidades de sua junção
com o Parahyba.

Commodamente exercitava-se o ser-
vicio da carga e descarga dos navios,
que atracavam á ponta da alfândega, ou
fundavam porto.

Em frente á cidade estacionavam os
vapores, na barra do Sanhana, suffi-
cientemente larga e profunda para permitir
as manobras.

Pouco antes dessa época encetou-se a
construção da uma ponte no Sanhana,
cerca de 1500 metros acima do porto da
cidade; mas de um modo extravagante,
excessivamente oneroso e altamente
prejudicial.

Durante muito tempo deixou-se a pedra
e terra a granel no leito do rio, para
formação de um muro, que devia servir ao
mesmo tempo do ponto da estrada de ro-
dagem e represa de um aqueducto colossal.
Apesar do trabalho da corrente, que
accretava parte do material, a propo-
ção que era depositado, conseguia se
levantar o paredão até o nível do rio,
com enorme sacrificio e desperas. Lo-
go, porém, que cessou o trabalho, foi
celendo o muro á pressão das aguas,
reconhecendo-se então, mais já tarde, o
abuso do sistema.

O grande volume de pedras e terra de-
sapareceu, vindo o material depositar-
se na parte inferior, obstruindo pouco a
pouco o ancoradouro da cidade e o ca-
nal do Parahyba.

Nacção da dos dois rios, onde
antigamente fundavam os vapores, for-
ma-se um extenso banco de areia e lo-
do, no qual começa a desenvolver-se a
vegetação e breve será ilha.

Mais estrito o torruço e canal não
tem agora mais de 8 pés de profundida-
de na baixa mar, em uma extensão de 6
kilometros á jusante da cidade.

Nessa distancia estacionam presen-
temente os vapores da Companhia Bra-
sileira, chegando pouco acima os es-
teiros.

mas tudo isto acabou! A illu-
são de um instantâneo dissoluiu-se... Já
não chegou! Não sei quem o senhor é...
— Eu conheço perfeitamente!... Co-
nheço-o de mais, respondo-lhe Darnalla fu-
rioso. São lamento não lhe ter arrancado
a máscara logo, em presença de um ho-
mem que se achava perto da senhora;
talvez o seu tufão hoje mais com certeza,
o seu amante amado... Pelo menos,
teria sabido quanto tempo duram as suas
fantasias!!! Dizia a senhora que, um
do pensava em mim subia-lhe a rapu-
nância nos labios. Então que fiz eu, pa-
ra lhe inspirar? Que fiz eu para mere-
cer tanto desprezo? Amei a, eu tu-
da! Se subisse como a amava, Cecilia
era tudo para mim! Occupava-ta a
minha vida. Queria-lhe a palavra dis-
ta em Diji aquella curta perdia, em
que seu pai lhe annunciava que tinha
reconquistado a sua fortuna e que ten-
cia voltar em breve, fiquei como
que enegado... O futuro melleu-me
mol... Pensei no nosso erro, cujos
resultados, em breve, seriam visíveis...
Disse comung que o meu dever era vir
lancar-me aos pés do seu pai, que a jul-
gar, pura, implorar-lhe o seu perdão e
conseguir que ella me aceitasse como
filho.

— Mas a idéa d' dinheiro sua senho-
ra lá possuiu incommodava-me... De-
pois queria, a tornar-se rica... O Sr.
Bernier queria talvez em duvida o desin-
teresse do meu amor e expulsar-me-hia
como caçador de dotes, que havia espia-
culado com frequência de uma moça! Ah!

Mesmo ali algum tem enalhado; a
manobra difficulta-se pela estreiteza do
canal e a estadia se faz a pouco tem-
po, porque é necessario descer ao Cabel-
lo logo no começo da vassuta.

O tráfego da passageiros e cargas tor-
na-se por isso muito incommodo, demo-
rado e oneroso, principalmente durante
o inverno.

Para os navios da vela que estão na
dependência da pratico, mares e ventos,
as difficuldades são ainda maiores e al-
guns têm sido obrigados a descarregar
a 6 e 8 kilometros da cidade, com gran-
da incommodo e excessivas desperas. A
alça dos fretes manifestou-se como con-
sequencia dos embarços da navegação,
vindo pinta agraçal-os a taxa elevada
do seguro, muito superior a que exigem
as companhias em outros portos do
norte.

Os navios têm quasi desaparecido do
porto da Parahyba, e em ellas o
comercio directo, que tantas vanta-
gens trazia á provincia.

As obras necessarias ao melhoramen-
to do rio exigem avultada despesa, muito
superior a que vai custar o prolonga-
mento da estrada ao Cabello.

Além de mais economica, a via-ferrca
satisfaria melhor as necessidades dos
transportes, e, servindo como linha ur-
bana e de recreio, traria ainda para man-
ter-se e pagar os juros do capital.

Esta obra é urgente porque mais
que outra qualquer concorrerá para erguer
a provincia do abatimento em que se
acha.

Com os embarços que soffro o com-
ercio actualmente, a lavoura não pôde
progredir, achando-se já muito reduzi-
da e emendada. Os preços dos generos
de exportação andam tão immoderados
que não compensam o trabalho de pro-
fuzil-os.

A estrada Conde d'Eu cujo capital é
garantido pelo Estado, resenta-se do
atrazo geral e só com o augmento da
produção e commercio se tornará im-
portante e consideração de quantos exa-
minam o assumpto que a illustre com-
missão do organamento e a honrada ma-
ioria da camara dos Srs. deputados man-
tiveram o credito que está votado desde
1882, resultando tambem devido aos es-
forços patrióticos dos distintos repre-
sentantes do 1.º e do 2.º districtos da
provincia, nos quaes rende a licen-
cença do reconhecimento ao importante
serviço que a ella fôrão, como legiti-
mos orgaos dos seus interesses roes
no seio da representação nacional.

Agora pergunto ao nobre ministro:
— está S. Ex. do animo deliberado, em
vistos estudos que mandou fazer o do
voto legislativo, a levar a effecto esta
obra, que eu consiro urgentissima?

O Sr. F. Octaviano — Vai fazer apro-
veitar a estrada do ferro.

O Sr. Diogo Vellozo — Essa pequena
treccho é um complemento da estrada; o
d'á provincia o seu verdadeiro porto.

O Sr. F. Octaviano — É d'á muito valor
á estrada.

O Sr. Diogo Vellozo — Dá muito valor
até porque atrahia o commercio directo
e facilitava a navegação costeira. Os pa-
quetes da Companhia Nacional já não
podem subir o rio e ficam em Cabello,
levando os passageiros, malas do cor-
reio, bagagens, etc., mais de 2 horas no
trajeto incommo e dispendioso desta
ponta á capital da provincia, como tudo
expendo o insuspeito Sr. Dr. Coutinho.

Sr. presidente, por uma disposição do
organamento, que se refere á tabella C,
o governo fica autorizado a fazer, só para
serviços do ministério da agricultura,
operações de credito na importância da
carga de 13.000.000\$, avultando a ga-
rantia de juros ás estradas do ferro.

Sei que esta recogo de operações de
credito pertence ao ministério da fazen-
da; mas como o nobre ministro da agri-
cultura não pôde deixar de ser ouvido
sobre as que dizem respeito ao seu mi-
nistério e influir em sua autoridade opi-
nião na parte da responsabilidade que
lho cabe, lembro que com muitos me-
nos de 13.000.000\$ se habilitaria para
atender nos serviços mais urgentes as-
sim das estradas de ferro, e mais obras
em execução ou em via de execução, se
não tambem para o resgate do tronco

tomo conta. Vá para onde fôr que eu a
saberei encontrar, e se é verdade o que
eu supponho, ha de me dizer o que faz
do meu filho.

Cecilia estava palli-la como uma morta.

— Parece que me está anegando,
disse ella com um tom cheio de des-
prezo.

— Amagala, por que? Quanto se
pessou a força e a resolução não se
ameaça... Ah! a vista, Cecilia Bernier.

— Até á vista não... adeus.

— Até á vista, repito, porque juro-lhe
que ainda nos tornaremos a ver.

E o actor, depois de ter acompanhado
estas ultimas palavras com um gesto por-
temais theatral, dirigindo-se para a por-
ta, abriu a e sahio do quarto e depois do
aposento.

No patamar encontrou-se com Brigi-
da que voltava acompanhada de um car-
regador.

A vista da velha Brigi-da trazendo um
homem para arrastar as malas não deu
tempo a Cecilia para se entregar ao ter-
ror que davam fazer nascer nella as
ameaças do seu antigo amante.

Foi ao mesmo tempo uma distração o
um derivativo.

O carregador vio o que tinha que levar
na carrocinha de mão, e recabou as or-
dens da menina Bernier.

Brigi-da devia ficar com elle, acompa-
nhar a carrocinha e não dizer, senão a
meio caminho, para onde iam.

Cecilia deixou-lhe o bilhete da casa de
saúde; encarregou-a de entregar as cha-

concurrência para a construção das
obras.

Este systema é incontestavelmente o
melhor para execução de trabalhos de
utilidade public, pertencentes a empre-
sas cujo capital é garantido pelo Estado
porque evita os grandes abusos das em-
presas particulares, que não prejudicam
as companhias, e verdade, mas vêm pa-
zar enormemente sobre os cofres publi-
cos, assim impellido a realização de
muitos melhoramentos do que tanto ne-
cessita o país.

Organização da linha da cidade da Parahyba
ao porto de Cabello

Estudos 6.000\$000

Rodagem e destacamentos . . . 15.000\$000

Locação 5.000\$000

Preparação do leito 80.000\$000

Pontes (3) 40.000\$000

Superestrutura 180.000\$000

Estação do Cabello, armazens e
depósitos 50.000\$000

Paralela intermediaria 5.000\$000

